

Mais um ajuste em busca de credibilidade

Após três pacotes fiscais, Brasil ainda não recuperou confiança dos investidores

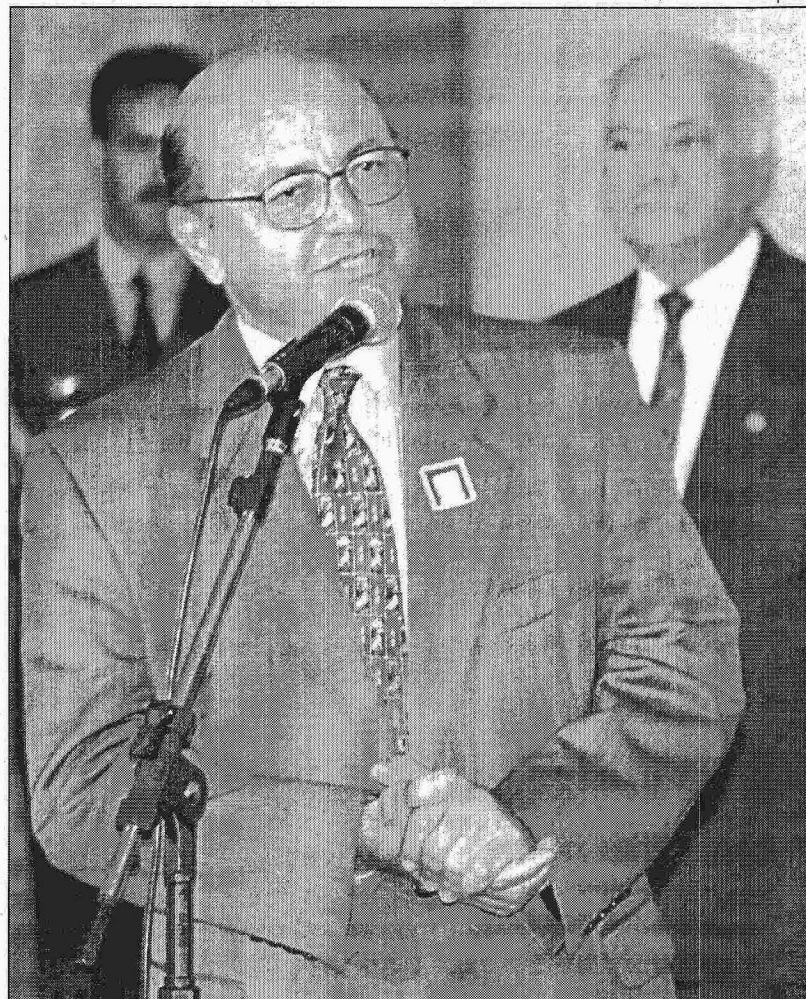
Maria Luiza Abbott

• **BRASÍLIA.** Desde setembro, o Governo já fez três pacotes de ajuste fiscal e está preparando o quarto. Tudo em nome de reconquistar a confiança dos mercados para voltar a receber financiamento externo. Todo esse esforço, no entanto, não sensibilizou os mercados: em setembro, data do primeiro desses pacotes, o fluxo cambial ficou negativo em US\$ 18,9 bilhões, a diferença caiu um pouco nos meses seguintes, mas subiu para US\$ 5,26 bilhões em dezembro. Em janeiro, fechou em US\$ 8,4 bilhões. Apesar disso, a equipe econômica mantém a estratégia e considera que o novo esforço fiscal acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) será decisivo para que finalmente o Brasil recupere sua credibilidade.

Tentativa de ajuste começou em novembro de 1997

A busca pela recuperação da confiança dos mercados começou, na verdade, em novembro de 1997, quando o Governo anunciou o pacote de 51 medidas para voltar a atrair os capitais que tinham fugido com a crise da Ásia. Seis meses depois, apenas a parte de aumento de receita do pacote tinha funcionado, a crise da Rússia apenas começava, e a insegurança voltava, com novas saídas de dólares. Em maio de 98, o fluxo cambial ficou negativo novamente, pela primeira vez, desde a crise da Ásia, em outubro de 97. Nova recuperação temporária, em julho, com a entrada dos dólares da privatização das teles. Após a moratória da Rússia, em agosto, as entradas de recursos nunca mais ultrapassaram as saídas.

Em setembro, o Governo anunciou cortes e fixou meta de superávit primário para o Tesouro. Em novembro, assinou um acordo com o FMI e se comprometeu com um ajuste de US\$ 28 bilhões. No dia 30 de dezembro, baixou um minipacote com ganhos de R\$ 5,4 bilhões para compensar as



MAILSON DA NÓBREGA: país caiu em desgraça com operadores de 25 anos

perdas com o atraso na votação da CPMF. Em janeiro, o Congresso aprovou a medida provisória aumentando a contribuição previdenciária de servidores e as bolsas não subiram e nem caiu o dólar. Agora o Governo prepara medidas para aumentar seu superávit primário em mais R\$ 3,6 bilhões a R\$ 8,1 bilhões. Mesmo assim, não há garantia de que o capital externo vai voltar ao Brasil.

— O ajuste fiscal já está no preço do mercado e, se vier, ainda levará um tempo para se ver algum resultado. Os agentes econômicos estão olhando para um país que não cumpre suas promessas e, por isso, o financiamento externo não vem — diz o professor José Márcio Camargo, da PUC-Rio.

— O mercado quer ver medidas concretas e o Governo tem

que, no mínimo, demitir funcionários ou pô-los em disponibilidade — acrescenta um economista, responsável pelo Brasil, de um grande banco estrangeiro.

O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega acha que o Brasil só vai recuperar a credibilidade se mudar o método de ajuste, acabar com pacotes de emergência e fazer uma reforma profunda. E isso, diz ele, não vem tão cedo.

— O país caiu em desgraça com os operadores de mercado que têm 25 anos, que têm uma noção infantil sobre o processo decisório de ajuste fiscal num país tão complexo como o Brasil. E agora, em qualquer departamento econômico de grandes bancos, esses operadores acham que credibilidade será anunciar a privatização da Petrobrás e do Banco

do Brasil, o que seria um erro neste momento — diz Mailson.

E até quando o país pode continuar atendendo às expectativas do mercado? O professor Paul Krugman, em um artigo publicado na revista "Slate" tem reparos a essa estratégia. Krugman — que defendeu a centralização do câmbio como saída para a crise brasileira — lembra que o presidente Fernando Henrique Cardoso é contra essa alternativa porque significa desistir da chance que o Brasil tem para se tornar uma nação de primeira classe. Ele diz que só é possível condoer-se com esse esforço, pois o presidente tem tentado duramente fazer as coisas certas.

Belluzzo: interesse só volta com preços bem mais baixos

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo acha que credibilidade, o Brasil só vai recuperar quando o preço das empresas estiver tão barato, por causa da crise, que os investidores vão se interessar novamente em comprá-las. Ao contrário do que diz a maioria dos analistas, Belluzzo considera que os ataques especulativos não têm a ver com os fundamentos da economia dos países. Ele lembra que os que enfrentaram crises provocadas por fuga de capitais, desde o México em 94, tinham características bem diferentes.

— Tivemos sete assassinatos de pessoas diferentes, mas sempre com o mesmo personagem, o mercado financeiro, por perto. E vamos dizer que a culpa é das vítimas? — compara Belluzzo.

O economista critica a política cambial dos últimos quatro anos, que considera a responsável pela atual crise. Ele lembra que o Brasil tinha superávits primários (que excluem os gastos com juros) até 97 e, mesmo assim, o déficit nominal (que inclui todas as receitas e despesas) aumentou para cobrir os juros altos usados dentro da política de atrair capitais externos. E essa política, segundo ele, acabou levando o país para a crise. ■